ÁREA TEMÁTICA: Estudos Organizacionais

SUPERANDO O IMAGINÁRIO GLOBAL: DESENVOLVENDO UMA COOPERAÇÃO SUL-SUL COM PROPÓSITO

Resumo

Em um contexto no qual as tensões éticas, históricas e políticas da educação superior são reconhecidas, a cooperação Sul-Sul (CSS) tem sido concebida como um possível meio de mitigar os efeitos adversos desse processo, sendo comumente associada a princípios como autonomia, equidade, complementaridade, solidariedade mútua e valorização das experiências, identidades e realidades locais. Com base em reflexões decorrentes do exercício de funções de liderança no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil, este ensaio apresenta possibilidades para o fomento intencional de parcerias cooperativas centradas no Sul Global e orientadas por propósitos compartilhados, mesmo no interior de estruturas predominantemente modernas/coloniais.

Palavras-chave: Internacionalização. Educação Superior. Cooperação Sul-Sul. Estudos críticos em internacionalização.

Abstract

In a context in which the ethical, historical, and political tensions of higher education are recognized, South-South cooperation (SSC) has been positioned as a potential means to mitigate the adverse effects of this process, being commonly associated with principles such as autonomy, equity, complementarity, mutual solidarity, and appreciation of local experiences, identities, and realities. Drawing on reflections from leadership roles in the context of higher education internationalization in Brazil, this essay shares possibilities of intentionally fostering purposefully and cooperative South-centred partnerships within predominantly modern/colonial structures.

Keywords: Internationalization. Higher Education. South-South cooperation. Critical internationalization studies.

1. Introdução

Reconhecer as limitações do discurso que categoriza a internacionalização da educação superior como um bem incondicional abriu espaço para "imaginar a internacionalização de outra forma" (Castiello-Gutierrez, da Silva & Stein, 2023). A ideia de Cooperação Sul-Sul (CSS) ganha notoriedade neste cenário e é frequentemente apresentada como uma alternativa às formas hegemônicas de interação internacional no campo acadêmico (Leal, Souza & Moraes, 2025).

Apesar dessas expectativas, os discursos (oficiais) sobre a CSS parecem fortalecer-se em um vazio, dada a reduzida evidência empírica que permita afirmar que as relações acadêmicas entre os chamados países do Sul Global sejam efetivamente recíprocas. De fato, Mawdsley (2024) questiona se e como a CSS contemporânea reflete, pratica ou alcança a decolonialidade em seus imaginários normativos e linguagens, em suas práticas, formas de relacionamento, políticas do conhecimento e matrizes de poder. Muito antes, Morgenthau (1962) já afirmava que a cooperação é um empreendimento político que implica recompensas materiais e imateriais, diretas e indiretas, levantando preocupações acerca do romantismo frequentemente associado ao conceito de CSS.

Neste ensaio, apresentamos uma reflexão sobre maneiras de promover parcerias centradas no Sul Global dentro de estruturas predominantemente modernas/coloniais, a partir das posições de liderança que ocupamos no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. Compartilhamos alguns projetos de CSS cujas evidências sugerem que eles "habitam a fronteira" da modernidade/colonialidade (Mignolo, 2011). Ao nos posicionarmos no campo dos "estudos críticos da internacionalização", concebemos o Sul Global como um campo de desafios epistemológicos e a CSS como um empreendimento político e complexo, destacando a importância de enfrentar as barreiras da colonialidade para que novas perspectivas de internacionalização possam emergir.

2. Por uma visão realista da Cooperação Sul-Sul

As noções de "Norte Global" e "Sul Global" tornaram-se uma metáfora para rico e pobre, desenvolvido e subdesenvolvido, Primeiro e Terceiro Mundos, doadores e receptores de ajuda internacional. Tais noções são relacionais; invariavelmente se referem a uma relação de desigualdade. Ainda assim, não existe uma definição clara e inequívoca para o Sul Global. Perspectivas críticas tendem a concebê-lo como uma metáfora política desvinculada de seu caráter geográfico: um campo de desafios

epistemológicos que busca reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo em sua relação colonial com o mundo; ou ainda o conhecimento construído nas lutas dos oprimidos e excluídos (Heleta & Chasi, 2023; Mawdsley, 2024; Muhr, 2024).

A compreensão crítica e decolonial do Sul Global também implica questionar a universalidade de conceitos e modelos produzidos a partir de perspectivas eurocêntricas. Conforme argumentam Heleta e Chasi (2023), a expansão colonial foi acompanhada pela imposição de formas europeias de conhecimento apresentadas como universais, relegando os saberes produzidos nas sociedades colonizadas a posições de inferioridade e periferia. Nesse contexto, a educação e a produção do conhecimento desempenharam papel central na reprodução das hierarquias globais, contribuindo para a consolidação de visões de mundo alinhadas a interesses coloniais e, posteriormente, neocoloniais. Os autores sustentam que os processos contemporâneos de internacionalização ainda carregam traços desse legado histórico, uma vez que frequentemente difundem concepções eurocêntricas de sociedade, economia e educação como padrões universais. Sob essa perspectiva, o Sul Global pode ser compreendido não apenas como uma categoria geopolítica, mas como um espaço de resistência epistêmica que busca desafiar relações históricas de dependência e afirmar formas alternativas de produção e circulação do conhecimento.

Para autores como Mawdsley (2024) e Muhr (2024), somente por meio da decolonialidade seria possível recuperar o potencial político da CSS. Historicamente, a CSS ganhou relevância em um cenário de insatisfação com as assimetrias existentes na arena internacional, questionando a eficácia do modelo ocidental de desenvolvimento e criticando o viés assistencialista frequentemente observado nas relações entre Norte e Sul. Grande parte do argumento político que sustenta a CSS baseia-se na premissa de que o Sul pode e deve cooperar para resolver seus problemas políticos, econômicos e sociais, em um contexto no qual não são impostas condicionalidades.

O Escritório das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul define a CSS como “um esforço comum dos povos e países do Sul, nascido de experiências e afinidades compartilhadas, baseado em objetivos comuns e solidariedade, e guiado pelos princípios de respeito à soberania nacional e à apropriação nacional, livre de quaisquer condicionalidades” (ONU, 2024, p. 1). Embora essa definição possa servir como orientação geral, ela minimiza as dimensões de competição geopolítica existentes dentro do próprio Sul, de modo que a CSS é apresentada como algo técnico e desprovido de conflitos/ameaças. Apesar da percepção de que a CSS possa representar um caminho para o desenvolvimento de relações internacionais em condições

mais igualitárias, é irrealista concebê-la como um fenômeno despolitizado ou livre de recompensas, legados e vícios coloniais (Leal, Finardi & Abba, 2022).

No contexto da internacionalização da educação superior, a CSS tem sido mencionada como um meio de promover relações mais recíprocas. Entretanto, a literatura sobre o tema ainda é pouco explorada e tais discursos acabam sendo predominantemente retóricos, reforçando a ideia da CSS como um conceito da moda no campo da internacionalização. Classificar qualquer relação de intercâmbio como colonial ou cooperativa requer ir além das promessas e dos discursos que a enfatizam. Assim, as práticas concretas do cotidiano constituem o espaço privilegiado para verificar a manifestação dos princípios cooperativos associados à CSS (Leal, Souza & Moraes, 2025). Nosso entendimento é que, por meio da intencionalidade (de Wit, Leal & Unangst, 2020), é possível conceber projetos de internacionalização que, nos termos de Mignolo (2011), "habitem a fronteira" da modernidade/colonialidade, afastando-se da "matriz colonial de poder".

3. Encontrando formas de habitar a fronteira: o potencial da CSS para 'descolonizar' a internacionalização

A preferência histórica do Brasil por parcerias com países e universidades bem posicionados no sistema mundial sinaliza que a internacionalização é um empreendimento hegemônico. Essas preferências moldaram e restringiram a internacionalização, potencialmente reforçando desigualdades geográficas de conhecimento, poder e existência, além de oferecer pouco espaço para iniciativas distanciadas da racionalidade dominante (Leal, Abba & Finardi, 2025).

Projetos que priorizam relações com o Sul e que são intencionalmente orientados para a construção de futuros cooperativos, sustentáveis e alternativos (de Wit, Leal & Unangst, 2020) constituem espaços potenciais para identificar sinais de desprendimento em relação à lógica dominante, dada a força epistemológica de narrar histórias não apenas a partir do interior do mundo moderno, mas também de suas fronteiras. Iniciativas conduzidas pelas próprias universidades podem lançar luz sobre formas de conectar a internacionalização aos desafios sociais globais e locais. Ao compartilhar algumas de nossas experiências com iniciativas centradas no Sul Global, buscamos contribuir para a (re)imaginação de alternativas aos modelos dominantes de internacionalização.

3.1 *Ampliando o horizonte epistemológico da internacionalização: a literatura crítica como base para formuladores de políticas e profissionais do Sul Global*

Enquanto matriz cultural de poder, a colonialidade contempla não apenas dimensões materiais, mas também epistemológicas. Uma das bases sobre as quais se sustentam as políticas e estratégias institucionais de internacionalização nas universidades públicas brasileiras é constituída pelos pressupostos estruturais da literatura dominante sobre o tema. Em grande medida apoiadas em narrativas construídas a partir de relações historicamente desiguais, essas abordagens tendem a apresentar a internacionalização como um fato social estável e isolado no tempo. Como consequência, universalizam aquilo que é situado, neutralizando tensões, contradições e contextos específicos e estabelecendo zonas de “não-ser”.

Dado o poder do conhecimento como instrumento de controle da autoridade e da subjetividade, formuladores de políticas e profissionais da internacionalização no Sul Global precisam estar equipados com ferramentas adequadas para conceber e operacionalizar outras formas de fazer, pensar, experienciar e existir nas relações internacionais e interculturais no Sul Global. Nesse contexto, a criação de redes, grupos e outros espaços de pesquisa dedicados à internacionalização tem desempenhado papel importante na produção de conhecimento, especialmente na América Latina e no Caribe. Desde os anos 2000, essa região emergiu como um terreno fértil para o desenvolvimento de pesquisas nessa área, particularmente a partir de perspectivas críticas (Streck, Abba, Latorre & Schenatto, 2024).

Um desses espaços é a *Red de Investigadores y Gestores en Internacionalización de la Educación Superior en América Latina* (REDALINT), rede formada por pesquisadores, gestores e profissionais que atuam na internacionalização da educação superior na América Latina. A REDALINT foi criada em 2015, no âmbito de programas de internacionalização vinculados ao Ministério da Educação da Argentina. Atualmente, a rede reúne oito instituições da Argentina, Brasil e Chile.

Dois dos principais eixos de atuação da REDALINT são a produção de conhecimento crítico a partir do Sul Global e a formação de gestores e profissionais da internacionalização. A partir desses eixos, a rede desenvolve três projetos: (1) o Banco Digital Latino-Americano; (2) a Revista REDALINT: Universidade, Internacionalização e Integração Regional; e (3) o Diploma em Gestão da Internacionalização Universitária Latino-Americana. Este último consiste em um curso de um ano voltado à formação crítica e contextualizada em internacionalização, fundamentado no referencial teórico e epistemológico do Sul Global e nas experiências dos participantes. O programa tem proporcionado uma importante oportunidade de intercâmbio de experiências, práticas, conceitos e percepções sobre internacionalização em diferentes contextos. Sua primeira edição ocorreu no segundo semestre de 2023 e

reuniu mais de 500 participantes provenientes da Bolívia, Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, México, Peru, Equador, Cuba e El Salvador.

3.2 *Fortalecendo o que é "nativo" e não exportado: a extensão universitária na internacionalização*

Enraizada nos territórios locais e nas relações sociais cotidianas, possibilitando formas de engajamento internacional que desafiam hierarquias coloniais de conhecimento e valor, a extensão universitária — um dos três pilares inseparáveis da educação superior latino-americana — representa um espaço significativo para o desenvolvimento de relações universitárias internacionais alinhadas a esforços mais amplos de justiça social ou que desafiem epistemologicamente o privilégio colonial do global sobre o local (Leal, Souza & Moraes, 2023).

Na América Latina, a extensão universitária encontra suas raízes históricas no Movimento de Córdoba de 1918, que marcou o surgimento de um movimento universitário tipicamente latino-americano (Michereff Junior, Ottani & Souza, 2018). No Brasil, a Constituição Federal de 1988 elevou a extensão universitária ao mesmo patamar de importância do ensino e da pesquisa. Apesar dessa trajetória, a internacionalização raramente incorpora a extensão universitária em suas estratégias institucionais, perdendo a oportunidade de tornar visíveis formas alternativas de interação com a sociedade que poderiam ampliar o próprio significado da internacionalização.

As iniciativas universitárias revelam que a extensão internacional ou intercultural existe, mas frequentemente permanece invisível por não se enquadrar na lógica dominante da internacionalização. Esses projetos costumam dialogar com realidades locais e regionais diversas e frequentemente são direcionados a migrantes, refugiados e grupos historicamente marginalizados. Um exemplo é a Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM), criada em 2003 pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), em cooperação com universidades brasileiras. Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a CSVM desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, incluindo cursos de língua portuguesa, capacitações, eventos, produção de materiais educativos e assistência jurídica e psicológica a refugiados, apátridas e migrantes.

Três projetos vinculados à CSVM na UFSC são o Ateliê das Migrações (apoio psicológico), o Núcleo de Apoio a Imigrantes e Refugiados – NAIR/Eirenè-UFSC (assistência jurídica) e o Português de Acolhimento para Imigrantes – PLAM (apoio linguístico). Esses projetos incorporam o ethos crítico do Movimento de Córdoba, comprometendo-se com a transformação social e com o enfrentamento de problemas concretos da sociedade. Em um

cenário marcado pela intensificação dos fluxos migratórios oriundos do Sul Global e pela ausência de políticas públicas sistemáticas para acolhimento e integração de migrantes e refugiados em Santa Catarina, a extensão universitária assume um papel complementar à ação estatal e, em alguns casos, torna-se protagonista. Além de suprirem lacunas institucionais, esses projetos estão inseridos em redes locais de ativismo, articulando universidade, organizações da sociedade civil, instituições públicas e atores comunitários.

3.3 *Utilizando estruturas hegemônicas para operacionalizar projetos cooperativos de internacionalização*

Em contextos como o brasileiro, a maioria das iniciativas governamentais voltadas à internacionalização da educação superior possui caráter hegemônico e utiliza a Cooperação Sul-Sul (CSS) como uma estratégia de '*soft power*' (Leal & Moraes, 2025). No âmbito universitário, entretanto, parece haver maior espaço para a "disrupção". Resistência à mercantilização, ampliação do acesso para populações historicamente excluídas, foco na resolução de problemas locais e promoção de novas formas de produção e disseminação do conhecimento figuram entre as possibilidades oferecidas pela CSS em nível micro (Leal, Souza & Moraes, 2025).

Reconhecendo que as relações internacionais na educação superior frequentemente colocam países do Norte Global como protagonistas nos processos de pesquisa, coordenação de projetos e produção de conhecimento, um grupo de pesquisadores e extensionistas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) conseguiu utilizar uma estrutura competitiva de internacionalização para promover projetos cooperativos entre Brasil e Timor-Leste na área de educação científica.

Essa experiência ocorreu no contexto do Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PrInt), um programa governamental que reafirmou um padrão histórico segundo o qual a educação superior é concebida como instrumento para alcançar objetivos mais amplos de desenvolvimento (Leal & Moraes, 2025). Embora o programa estivesse orientado prioritariamente para o Norte Global, ele permitia a participação de países do Sul no âmbito de esquemas de cooperação triangular. Nesse contexto, coordenadores brasileiros identificaram pesquisadores vinculados a universidades da Argentina, Austrália, Espanha, Estados Unidos e Timor-Leste que compartilhavam perspectivas críticas de pesquisa e objetivos semelhantes, tornando possível a operacionalização de iniciativas de Cooperação Sul-Sul.

Segundo os participantes desses projetos de cooperação — desenvolvidos no âmbito de relações construídas ao longo de mais de quinze anos —, os principais elementos que possibilitaram a continuidade e a sustentabilidade da CSS foram: a intencionalidade; o reconhecimento das desigualdades existentes entre os parceiros, o que levou os brasileiros a buscarem soluções com os timorenses, e não apenas para eles; a ideia da pedagogia solidária de Paulo Freire como inspiração para a cooperação; o esforço em desenvolver práticas de coensino e o compromisso com metodologias de pesquisa decoloniais; a articulação com outras organizações que compartilham objetivos semelhantes, como a Cátedra UNESCO Linguagem e Políticas para o Multilinguismo; o aprofundamento das parcerias entre educadores em diferentes níveis — comunidade, escola e universidade —; e o foco em temas relacionados a problemas locais, abordados a partir de uma perspectiva interdisciplinar (Giraldi & Cassiani, 2023).

Os relatos indicam a presença de princípios de complementaridade, compartilhamento de conhecimento, diálogo de saberes e valorização das experiências, identidades e realidades locais. Entre os resultados esperados dessas iniciativas estava a descolonização dos temas de ensino e pesquisa na UFSC, por exemplo, por meio da ampliação de temas voltados ao desenvolvimento de intervenções pedagógicas e à produção de materiais didáticos orientados para a emancipação e para o enfrentamento dos efeitos da colonialidade.

4. Considerações finais

Embora a Cooperação Sul-Sul seja frequentemente apresentada nos discursos contemporâneos e oficiais como um meio de promover relações mais recíprocas no contexto da internacionalização da educação superior, a literatura sobre o tema ainda permanece pouco explorada, e tais discursos acabam assumindo um caráter predominantemente retórico, reforçando a ideia da CSS como um conceito da moda no campo da internacionalização.

Dessa forma, não parece realista categorizar a CSS como um fenômeno despolitizado. Há situações em que as mesmas assimetrias observadas na chamada “cooperação tradicional” são reproduzidas nas relações estabelecidas entre países do próprio Sul Global. O poder estratégico parece constituir a principal motivação dos governos para se envolverem nesse empreendimento, ao passo que o nível micro oferece maiores possibilidades de ruptura com as lógicas dominantes.

Neste ensaio, apresentamos uma reflexão sobre formas de promover parcerias centradas no Sul Global dentro de estruturas predominantemente modernas/coloniais, considerando as posições de liderança que ocupamos

no contexto da internacionalização da educação superior brasileira. Compartilhamos experiências de Cooperação Sul-Sul cujos princípios parecem “habitar a fronteira” da colonialidade, possibilitando o surgimento de novas perspectivas para a internacionalização.

Ao nos posicionarmos no campo dos estudos críticos da internacionalização, compreendemos que a agenda futura da internacionalização no Sul Global deve incluir um esforço coletivo de desprendimento em relação à racionalidade dominante, o que exige intencionalidade. Nesse sentido, destacamos iniciativas que podem inspirar aqueles que buscam promover projetos cooperativos no âmbito da internacionalização, entre elas: a adoção da literatura crítica como base para formuladores de políticas e profissionais do Sul Global; o fortalecimento da extensão universitária no contexto da internacionalização; e o uso estratégico de estruturas hegemônicas para operacionalizar projetos cooperativos.

Referências

- Castiello-Gutiérrez, S.; Da Silva, J. E. & Stein, S. (2023). Imagining internationalization otherwise: A critical approach. In: EAIE 2023: Connecting currents (2024). EAIE.
- Chisholm, L. & Steiner-Khamsi, G. (2009). South-South Cooperation in Education and Development. New York: Teachers College Press.
- de Wit, H; Leal, F. & Unangst, L. (2020). Internationalization aimed at global social justice: Brazilian university initiatives to integrate refugees and displaced populations. ETD: Educação Temática Digital, 22, 567-590.
- Giraldi, P. & Cassiani, S. (2023). Cooperação como caminho para a internacionalização solidária: O Caso do Projeto REPI. 2 Encontro Internacional Pós-Colonial e Decolonial: Encruzilhadas históricas e culturais.
- Heleta, S., & Chasi, S. (2023). Rethinking and redefining internationalisation of higher education in South Africa using a decolonial lens. Journal of Higher Education Policy and Management, 45(3), 261–275.
- Leal, F., Abba, J., & Finardi, K. R. (2025). Immersed in the Dominant Global Imaginary: Reflecting on Internationalization of Higher Education Discourses in Brazil. *Journal of Studies in International Education,* 29(3), 513-532.

- Leal, F., Finardi, K. & Abba, J. (2022). Challenges for an internationalization of higher education from and for the Global South. *Perspectives in Education,* 40(3).

- Leal, F., de Souza, S., & Barreto Moraes, M. C. (2023). Internationalization and university outreach in dialogue: Current knowledge and future perspectives. *Education Policy Analysis Archives*, 31.

- Leal, F. & Moraes, M. C. B. (2025). A new paradigm for higher education internationalization in Brazil? *International Higher Education,* 125.

- Leal, F. G., Moraes, M. C. B., & Souza, S. (2025). South-South relations in the context of internationalization of higher education: A panoramic visit to the state of art. In K. R. Finardi, M. Kremer, & R. Silveira (Eds.), *Internationalization of higher education in Portuguese-speaking contexts* (pp. 33–42). Programa de Pós-Graduação em Inglês.

- Mawdsley, E. (2024). “South-South cooperation and decoloniality”, Melber, H., Kothari, U., Camfield, L. and Biekart, K. *Challenging global development: Towards decoloniality and justice*. 205-214.

- Michereff Junior, V.; Ottani, B. S.; Souza, I. M. A Reforma de Córdoba e a Democratização das Universidades Federais Brasileiras. In: XVIII Colóquio Internacional de Gestão Universitária, 2018, Loja, Equador. Anais do XVIII Colóquio Internacional de Gestão Universitária. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

- Mignolo, W. (2011). The darker side of western modernity: global futures, decolonial options. Durham & London: Duke University Press.

- Morgenthau, H. (1962). A political theory of foreign aid. The American Political Science Review, Cambridge, 56(2), 301-309.

- Muhr, T. (2024). “Recuperar la política de cooperación Sur-Sur: Una periodización decolonial”, Cabrera, A. C.; Domínguez, R. & Lo Brutto, G. (coords). La cooperación internacional en tiempos de competencia estratégica: entre el interregno hegemónico y la multipolaridad. UC-ICSyH/BUAP.

- Streck D. R, Abba M. J., Latorre, P. & Schenatto da Rosa C. (2024), "Can higher education contribute to trust building in a fragmented reality? A Latin American perspective". Journal of International Cooperation in Education, Vol. 26 No. 1 pp. 20–33.

- United Nations (2024). About South-South and Triangular Cooperation. https://unsouthsouth.org/about/about-sstc/.